

À ESCOLA, O ALUNO, NÃO O FILHO

Há homens que são como velas; sacrificam-se, queimando-se, para dar luz aos outros.

[Padre Antônio Vieira]

Escola e família debatem-se constantemente, parecendo disputar entre si de quem é a real autoridade na educação de crianças e jovens, ou mesmo na definição sobre o que é papel de uma ou de outra. O princípio é que os pais são, de direito e dever, os responsáveis pela educação dos filhos. A escola não é substituta, mas parceira e colaboradora nessa árdua tarefa. “Quem educa o filho é o pai”, ressalta a psicóloga Roseli Sayão. A escola é responsável apenas por uma parte da formação da criança. Daí a necessidade de ambos caminharem juntos e falarem a mesma língua, uma vez que os seus encargos são complementares, embora distintos nos objetivos.

Nesse caso, o confronto nada constrói; ao contrário, impõe obstáculos, gera desconfiança, insegurança e desorienta crianças e jovens. Ao invés dele, ações conjuntas e acertadas entre as partes, com reflexão e diálogo, produzem efeitos eficazes e frutuosos.

Por isso, os pais, mesmo discordando da escola, não devem desautorizá-la na frente dos filhos. A solução é ir lá dialogar e resolver o impasse, entre adultos. Por outro lado, a escola necessita também ter a leitura exata da família, para que assuma com propriedade o seu papel de coadjuvante na educação das crianças.

Hoje, mais que antigamente, o dever de construir valores e atitudes ou definir limites não é mais exclusividade da família. Como espaço socializante/socializador, a escola é o lugar ideal para que crianças e jovens “desçam de seus tronos de príncipes e princesas”, como afirma o psicanalista carioca César Ibraim, e dividam seus universos pessoais, conheçam outras verdades, respeitem as diferenças e outros tipos de autoridade. A escola não é importante apenas porque ensina conteúdos. Na escola, crianças e jovens aprendem mais sobre si mesmos, iniciando o processo de autoconhecimento e, essencialmente, aprendem *ser*, a *conviver*,





Ricardo Ribeiro*

a *conhecer* e a *fazer*, os quatro grandes pilares da educação, segundo a UNESCO. A família é o nosso primeiro núcleo, não o único. É na escola, pois, que se estabelecem as regras do convívio em grupo e da vida em comunidade, na dinâmica de aprender e conhecer, conhecendo-se.

Mesmo com a constatação de que o modelo tradicional de família já não é mais o mesmo, os pais não podem abdicar de sua parcela de responsabilidade no processo educacional. Alguns chegam a “terceirizar” a educação dos filhos. Para exemplificar, muitos deles não comparecem, seja na escola pública, seja na privada, nem se convocados através dos Correios. Sem referência, muitos jovens encontram na escola o único espaço para a formação do caráter. Logo, partilham com seus professores e colegas toda a riqueza de sentimentos que trazem em suas vidas. A verdadeira educação trata, sim, das relações interpessoais e das experiências emocionais, e não se reduz, portanto, a mera transmissão de conhecimentos. Um fato é inquestionável: se a educação não pode resolver todos os problemas do mundo, nenhum deles também poderá ser resolvido sem a educação.

A ênfase no aspecto intelectual obnubilou a autêntica visão da educação. Nós nos esquecemos de que a principal tarefa da escola é ensinar o jovem a ser melhor como gente, como pessoa. O que precisamos compreender é que a ação educativa não é simplesmente uma atividade técnica a ser repetida sem qualquer reflexão. O bom educador sempre conseguirá aliar o conhecimento a um quadro de valores que são essenciais para nortear a vida dos jovens educandos.

©MMA/PhotoPress

Assim, a pergunta que se coloca é: em que escola, então, devo colocar o meu filho? Optar por uma mais tradicional ou procurar outra? Para começar, desista de encontrar a melhor escola ou a escola mais forte. Os especialistas garantem que ela não existe. “O que existe são escolas que priorizam o conteúdo e escolas que privilegiam atividades que estimulam a curiosidade, o raciocínio, o gosto pelo saber e pela leitura, a cidadania e o pensamento autônomo”, diz a psicopedagoga Glaura Fernandes.

“E qual das duas linhas é a melhor?”, perguntariam alguns pais mais aflitos. A psicóloga e colunista da *Folha de São Paulo* Rosely Sayão responde que, para encontrar o melhor caminho, os pais devem fazer outra pergunta para si mesmos: “Como eu gostaria que meu filho fosse educado?”

E as teorias pedagógicas, não contam? Elas já foram mais determinantes. Hoje, nem tanto. Num mundo plural, os profissionais polivalentes, que melhor saibam lidar com o conhecimento e resolver problemas, são bem-vindos. De qualquer forma, a pedagogia tradicional trata o professor como instrutor e o aluno como receptor, com muita teoria e exercícios. Na socioconstrutivista, a criança não pensa sozinha, ela pensa em grupo, todos raciocinam e aplicam os conhecimentos em conjunto. A construtivista favorece a atividade mental e a troca de conhecimentos. Na montessoriana, primeiro a criança experimenta e depois é levada à teoria. Valoriza as percepções sensorio-motoras, inclusive na alfabetização. A Waldorf tem linha naturalista, em que ação, pensamento e sentimento são integrados em atividades corporais e artísticas.

O perfil das famílias pode também influir na escolha da escola para o filho. A família tradicional valoriza a disciplina e quer ver o filho nas melhores universidades; a liberal prefere que o filho tenha formação humanista e desenvolva o pensamento criativo e o senso crítico; a religiosa quer formação moral, ética e espiritual para seus filhos; e a globalizada sonha com os filhos cidadãos do mundo, com educação bilíngue e conhecimento de outras culturas.

Outros critérios também relevantes para a escolha da escola ideal para os filhos são: a *expectativa* (quais são as expectativas dos pais em relação à aprendizagem e ao futuro do filho); a *empatia* (ao visitar a escola, pergunte-se acerca de que sentimento aquele ambiente lhe desperta); a *proposta pedagógica* (a família se identifica com os ideais daquela escola?); a *atualização da escola* (a escola mantém-se atualizada em relação às grandes mudanças no mundo?); a *equipe de educadores* (graduação, formação continuada e rotatividade dos professores); a *estrutura física* (há ambientes alternativos à sala de aula, a estrutura física é permanentemente modernizada, existe biblioteca?); o *método de avaliação* (assim como a proposta pedagógica, o sistema de avaliação não pode escapar às conversas que antecedem a matrícula); o *número de alunos* (não importa o tamanho da escola, mas a relação entre o número de profissionais e o de alunos); a *localização* (é melhor optar por uma escola mais próxima à sua residência, a fim de que a criança não fique se estressando e atravessando a cidade todos os dias); a *mensalidade escolar* (a regra básica é os pais optarem

por uma escola que caiba em seu orçamento familiar); as *atividades extracurriculares* (muitas escolas oferecem atividades artísticas e esportivas, fora do período de aula, o que facilita a vida dos pais, que não podem ficar se deslocando com as crianças o dia todo); *limpeza e segurança* (visitar os banheiros, observar bem a limpeza e a manutenção da escola, questionar sobre a segurança); *alimentação* (verificar se há uma nutricionista por trás do cardápio da cantina e da alimentação servida no Sistema Integral, pois a obesidade infantil é uma das principais preocupações da Organização Mundial de Saúde - OMS).

Chegou, então, a hora de visitar a escola e conhecê-la por inteiro. Esse é um momento fundamental, tanto para o colégio como para as famílias, para esclarecer dúvidas e eliminar preconceitos. Segundo os especialistas, os pais devem aproveitar muito bem esse espaço e não ter vergonha de perguntar nada.

Escolhida a escola e feita a matrícula, muitas vezes ainda passando pelo processo de admissão de novos alunos, “feche” com ela e estabeleça uma relação de confiança mútua, adotando uma postura de crítica construtiva, para que seja cada dia melhor. “E, à escola, entregue o aluno, abrindo mão de tê-lo como filho, pelo menos durante o tempo em que estiver na escola. Pois, como aluno, ele precisa inteirar-se dos códigos e das regras do fato de ser aluno.” (Isabel Parolin) ■

*Professor, psicólogo e gestor escolar, diretor de escola integrada à Rede RCE

www.rceonline.com.br